

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA: ANÁLISE SEMIÓTICA DE UMA CHARGE DE ANGELI

Cesar Augusto de Oliveira CASELLA *

RESUMO

Este artigo é uma análise semiótica da charge do cartunista Angeli, publicada na Folha de São Paulo do dia 20 de Novembro de 2006, que tem como mote o Dia da Consciência Negra. Parte-se da constatação que a Semiótica faz análises que buscam a descrição e a explicação dos mecanismos que engendram os sentidos do texto e de ela não ignora o homem, a História ou a sociedade, presentes na linguagem, ainda que use a imanência como princípio de análise. A base teórica advém, primordialmente, das leituras de textos de José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, consignados nas referências bibliográficas. O intuito último deste exercício é compreender, a partir da análise articulada entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, como a charge de Angeli produz um fino e mordaz humor que se volta para o leitor, deixando-o a pensar sobre o tema.

Palavras-chave: Semiótica, Angeli, análise de charges.

SEMIÓTICA: *HUMANITAS ET UNIVERSITAS*

Em “O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa”, José Luiz Fiorin (2003, p. 20) faz uma importante advertência quanto ao paradoxo de se criticar Hjelmslev por um excesso de formalismo ou por uma falta de historicidade justamente não levando em conta a dimensão histórica do projeto hjelmsleviano. Esquecemos – ou tendemos a esquecer quando nos é propício – que as teorias são criadas em ambientes culturais determinados, que teorias dialogam com outras teorias, que as teorias são parte de um universo discursivo que precisa ser retomado para que se entendam – e se signifiquem – as próprias teorias.

No artigo, Fiorin (2003, p. 21) explica que o projeto hjelmsleviano se constituiu a partir de um ponto de vista imanentista, em oposição ao transcendentalismo existente na linguística de sua época. Assim, a sua proposta é substituir a premissa de que o conhecimento linguístico é um meio para a compreensão do que é exterior à linguagem pela de que o estudo da linguagem é um fim em si mesmo.

* Universidade Estadual de Goiás
E-mail: cesar.casella@gmail.com

Fiorin (2003, p. 22) mostra também que o projeto hjelmsleviano se opõe, com a noção de sistema, à tradição humanista de estudos que nega a existência de constância nos fenômenos humanos e a possibilidade de uma interpretação sistemática deles. Além disto, mostra (FIORIN, 2003, p. 23) que o projeto hjelmsleviano é de base dedutiva, opondo-se ao método indutivo dos estudos linguísticos anteriores. Expondo estes e alguns outros princípios hjelmslevianos, Fiorin estabelece uma tradição de pensamento linguístico que, a partir de Hjelmslev, volta-se para Saussure e avança para a Semiótica greimasiana. Uma tradição de estudos linguísticos imanentista, formal e sistemática.

Ao final do texto, Fiorin estabelece as disjunções e conjunções entre Hjelmslev e Greimas e escreve que:

A semiótica desloca a categoria de *totalidade* da descrição do plano de conteúdo das línguas naturais para a descrição e explicação dos mecanismos que engendram o texto. Pensando a significação como a criação e/ou a apreensão de diferenças, a semiótica procurará determinar não o sistema da língua, mas o sistema estruturado de relações que produz o sentido do texto. (FIORIN, 2003, p. 48)

Assim, a Semiótica

[...] adota um ponto de vista imanentista para a análise do texto, não por negar que ele sofra determinações sócio históricas, mas por estabelecer para si como tarefa inicial conhecer os mecanismos de estruturação textual; as leis que regem a construção do discurso, que se manifesta num texto. (FIORIN, 2003, p. 49)

Dessa perspectiva a Semiótica se mostraria empirista, pois explica como se produz e se interpretam os textos; preditiva, pois pretende explicar como se estruturam não só os textos existentes mas todos os que podem vir a existir; dedutiva, pois se organiza como um cálculo; formal, pois estuda o conjunto de relações que produz o significado entendendo que a substância é resultado das formas linguísticas.

A análise semiótica do texto, escreve Fiorin (2003, p. 49), é um exame do conjunto de relações que produz o significado e para isto estuda-se a forma do conteúdo (o “como o texto diz o que diz”) incorporando-se aí o sentido já formado, a substância do conteúdo (o 'aquilo que o texto diz'). Entretanto, não há somente o conteúdo, há também a expressão. A manifestação, “a presentificação da forma na substância”, “pressupõe a semiose, que une a forma da expressão à do conteúdo” (FIORIN, 2003, p. 49).

A consequência, vista a partir de Greimas e Courtès, é a de que a manifestação é “a postulação do plano da expressão, quando da produção do enunciado” e “a atribuição

de um plano do conteúdo, quando de sua leitura” (FIORIN, 2003, p. 49-50). De modo que,

[...] a semiótica greimasiana aborda o texto como unidade de descrição e o concebe como a manifestação decorrente da relação interdependente entre um plano de expressão (PE) e um plano de conteúdo (PC). O PE é compreendido como a instância textual que se organiza por meio dos componentes próprios da materialidade a partir da qual cada linguagem se constitui; o PC, pelo contrário, é um processo que se desenvolve em nível abstrato. (SANTOS, RUIZ e SIGNORI, 2011, p. 10).

Na abordagem semiótica do texto, segundo Fiorin (2003, p. 50), leva-se em conta o princípio hjelmsleviano de que a análise deve mostrar as invariantes e as variantes. Concebe-se o texto como algo que tem uma estruturação – o que explica que ele seja um todo de sentido – e, ao mesmo tempo, como manifestação de singularidades – algo da ordem do acontecimento – correlacionando-se invariantes e variabilidades. O que nos traz o percurso gerativo de sentido, “um percurso que vai das invariantes às variantes, das estruturas mais simples e abstratas às mais complexas e concretas” (FIORIN, 2003, p. 50). Um percurso que se faz em níveis, desde o fundamental, passando pelo narrativo e chegando ao discursivo, todos passíveis de receber uma descrição metalinguística apropriada. Este percurso “deve ser entendido como um modelo hierárquico, em que se correlacionam níveis de abstração diferentes do sentido” (FIORIN, 2003, p. 50).

O que se quer é analisar as regularidades e mostrar, a partir delas, a construção das especificidades, num processo de complexificação crescente. Depois de analisar, num processo da abstração, as estruturas mais simples, faz-se o percurso inverso e procura-se reconstruir as estruturas mais concretas e complexas. Hjelmslev diz que a forma contrai uma função com a substância. Nela, a primeira é a constante e a segunda, a variável. Por outro lado, afirma que o que é substância, de um ponto de vista, é forma de outro. Esses princípios são levados em conta na construção do percurso gerativo. O nível fundamental é uma forma, realizada de maneira variável, pelo nível menos narrativo, que, por sua vez, é uma forma, realizada de modo variável, pelo nível discursivo, que, por seu turno, é uma forma, manifestada, de modo variável, por um plano da expressão (FIORIN 2003 p. 51).

Insera-se, por fim, a questão da enunciação. A Semiótica entende “que a passagem das estruturas mais profundas e simples às mais superficiais e concretas se dá pela enunciação” (FIORIN, 2003, p. 51). Uma enunciação entendida no sentido benvenistiano, de discursivização da língua, o que nos leva a lembrar – o que é uma espécie de justificativa – que a Semiótica não se pretende uma teoria do enunciado, apenas deseja integrar a enunciação e o enunciado em uma teoria geral.

Pouco a pouco, a semiótica vai ampliando seu objeto, de forma a reintegrar tudo o que inicialmente descartara. A semiótica operou uma redução metodológica provisória de seu campo de atuação. No entanto, nunca ignorou a História, o homem, as determinações sociais presentes na linguagem. Pretende apenas que a imanência dê uma base mais sólida para estudar o que é transcendente à linguagem, juntando imanência e transcendência numa unidade superior. A semiótica, como o projeto hjelmsleviano, se atribuiu a seguinte finalidade: *humanitas et universitas* (FIORIN, 2003, p. 51-52).

Vê-se, acompanhando minimamente a exposição e as argumentações de José Luiz Fiorin, que a Semiótica de que ele fala tem um conceito amplo de texto, que tenta integrar o “interior” e o “exterior”, o “constante” e o “variável”, a “imanência” e a “manifestação”. Entende-se, de imediato, as dificuldades de tal empresa. Compreende-se, ainda, que a Semiótica francesa é uma teoria para a abordagem do texto, apresentando princípios e métodos, mas que ela não é “perfeita”, “pronta e acabada”, como escreve o mesmo José Luiz Fiorin em outro artigo:

O fazer teórico da Semiótica Francesa, como aliás de qualquer domínio do conhecimento é aspectualizado imperfectivamente, o que significa que não constitui ela uma teoria pronta e acabada, mas um projeto, um percurso. Não está *facta*, mas *in fieri*. Por isso, a todo o momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se (FIORIN, 2002, p. 131).

Obviamente, ao acompanhar Fiorin, deixamos de mencionar e adotar outras perspectivas existentes acerca da Semiótica, afastando-nos da possibilidade de traçar um panorama ou um histórico da área.

O objetivo aqui foi o de ressaltar as aberturas da Semiótica, para a História e para a reconfecção teórica – existentes mas nem sempre vistas – e situá-la como complexa e processual, dinâmica e acolhedora de novas análises.

Pode-se dizer que o objetivo foi o de ressaltar que o *in fieri* é condição *sine qua non* para o *humanitas et universitas*.

A ANÁLISE SEMISSIMBÓLICA E A CHARGE DE ANGELI

Berenice Baeder (2007) se dedicou a analisar semioticamente uma charge de Angeli, diferente da nossa, e, valendo-se de uma abordagem semissimbólica, mostra de que maneira as categorias do plano da expressão visual (topológicas, eidéticas e cromáticas) se associam às categorias do plano do conteúdo na sintagmatização textual do objeto-desenho. Em seu artigo a autora procura, ainda, identificar alguns dos efeitos

de sentido produzidos pela charge.

Uma análise que é do tipo que se adéqua ao objeto, já que a charge é um sistema semissimbólico, os quais passaram a ser abordados com mais frequência pelos estudos semióticos, conforme nota Diana Luz Pessoa de Barros:

Os sistemas semi-simbólicos podem ser denominados poéticos e ocorrem no texto literário, na pintura, no desenho, na dança, no quadrinho ou no filme, que procuram obter os efeitos acima mencionados de recriação da realidade, de adoção de um ponto de vista novo na visão e no entendimento do mundo. Os estudos semióticos não podem, portanto, deixar de lado, e não mais o fazem, os procedimentos da expressão que fabricam tais efeitos (BARROS, 2005, p. 77).

Abaixo reproduzimos a charge de Angeli que motivou este trabalho.



Fig. 1: A charge de Angeli

No exercício de análise semiótica que virá a seguir procura-se justamente descrever a articulação entre os planos da expressão e do conteúdo, além de fazer ver que o plano da expressão traz sentido em si mesmo.

O PLANO DA EXPRESSÃO E O PERCURSO DE LEITURA

Originalmente, a charge de Angeli aparece na página intitulada Opinião, da Folha de São Paulo, jornal de grande circulação e influência no Brasil. Opinião é a segunda página do diário, isto é, o verso da primeira página. O leiaute da página coloca a charge em meio aos editoriais e aos colunistas, portanto em meio a uma massa de textos escritos, mas em uma posição central, na metade superior da folha. Destaque duplo, portanto: espacial, pois a charge situa-se no centro superior da página, e visual, pois trata-se de um desenho colorido em meio a uma massa de letras pretas organizadas em linhas sobre fundo claro.

A charge, vê-se, é facilmente identificada na página. Por essas características é, via de regra, o primeiro texto a ser lido. Ao primeiro passar de olhos pela página do jornal a nossa atenção é imediatamente tomada pelo desenho-texto.

Focando na Figura 1, percebe-se que a sua leitura demanda um percurso algo singular. Ao invés de nos atermos ao desenho da esquerda para a direita, de cima para baixo, iniciamos a leitura de baixo para cima, da direita para a esquerda. Obedecemos a uma estratégia plástica construída pelo cartunista. O enunciador impõe à percepção do enunciatário uma certa performance do olhar.



Fig. 2: início do percurso de leitura

O que atraí o olhar, primeiramente, são os elementos soltos e com cor destacada no canto inferior direito do desenho, como vemos na Figura 2, acima. Deste modo, fixamo-nos primeiro na região inferior à direita, para depois percorrermos o desenho em direção à parte superior. Entram em jogo certas oposições entre categorias formais plásticas: claro/escuro (a areia da praia/os vendedores ambulantes); isolado/agrupado (os vendedores ambulantes/os banhistas e os prédios); estaticidade/mobilidade (os banhistas e os prédios/os vendedores ambulantes); branco/preto (os banhistas/os vendedores ambulantes). São estas oposições que dão destaque e atenção para a figurativização dos vendedores ambulantes negros e o resultado é que eles tomam a cena de imediato.

Depois de percebermos as quatro figuras ao canto direito, acompanhadas por um pequeno triângulo azul representando o mar, nosso olhar procura o restante do desenho e na massa rosácea imediatamente superior vai distinguido as muitíssimas figuras de banhistas. No topo, continuando o percurso, o olhar encontra uma infinidade de prédios enfileirados, formando o paredão arquitetônico típico das praias brasileiras altamente urbanizadas. O movimento, de baixo para cima, parece guiado por uma escala cromática que vai das cores mais vibrantes para as mais pastéis.



Figura 3: oposições formais elementares

Esquemáticamente – e operando com as oposições formais elementares do plano de expressão – poderíamos transformar o desenho na Figura 3, exposta anteriormente.

Desvela-se então, plenamente, o desenho-charge. Uma praia, altamente urbanizada e repleta de banhistas – rosados – em que quatro vendedores ambulantes – negros – movimentam-se tentando atrair a atenção da massa rosácea imóvel. Apesar das figuras dos vendedores ambulantes negros serem valorizadas plasticamente pela enunciação – pois de início é a elas que nosso olhar é lançado por meio das oposições formais mostradas na figura 3 – no plano geral do texto, no enunciado enunciado, é a massa rosácea e pastel de banhistas e prédios que ganha importância, por causa de sua posição na topologia do desenho: a região superior. Assim temos, posicionalmente, o agrupamento rosáceo-pastel 'por cima' e os isolados pontos negros 'por baixo'. Posicionamentos que não parecem ser inocentes ou acidentais, mas sim uma estratégia de composição.

A figurativização da região superior se mostra paulatinamente. Não é de imediato que vemos todos os guarda-sóis, o que faz cada um dos banhistas ou o hotel no paredão arquitetônico ao fundo. Temos uma 'visão em massa', uma quase indeterminação, que se opõe frontalmente às figuras da região inferior direita, mais bem determinadas: elas vestem *shorts* de cores variadas e carregam, pendurados, utensílios bem identificáveis. Podemos nos apoiar no exame de Baeder (2007). Aqui, como lá, temos uma problematização decorrente da relação que a charge faz entre as categorias plásticas em oposição (estilo pictórico na porção superior/estilo linear na porção inferior) e as categorias semânticas em oposição (brancos/negros), ainda que estas categorias semânticas só existam neste nosso exame.

Uma operação plástica, no plano da expressão, que faz com que os negros apareçam individualizados e em minoria enquanto os brancos – rosados de sol – aparecem massificados e em maioria. Uma operação que instaura pelo menos dois conflitos: em primeiro lugar, a enunciação destaca algo diferente daquilo que o enunciado enunciado afirma, uma chama a atenção para a figurativização inferior e o outro põe em relevo a figurativização superior; em segundo lugar, a relação semissimbólica que se estabelece entre as categorias plásticas (pictórico/linear) e as

categorias semânticas (branco/negro) não é tradicional, isto é, não temos uma maioria negra 'por baixo' e uma minoria branca “por cima”.

Ao final do exame do plano de expressão e do estabelecimento de um percurso de leitura, vemos que a charge apresenta como efeito importante uma forte tensão gerada pela aproximação de duas figurativizações, ambas com suas características plásticas e com seus conteúdos, às quais se confere pesos equivalentes, isto é, estabelece-se uma tensa oposição “cara a cara”.

CONSCIÊNCIA *VERSUS* ALIENAÇÃO

Ao exame desta tensão plástica e espacial talvez possamos acrescentar o exame da oposição fundamental da charge: consciência *versus* alienação. O Dicionário Caldas Aulete (2007) define 'alienação' como “falta de conhecimento e desinteresse pelo que acontece na sociedade, no país, no mundo”. No mesmo dicionário, 'consciência' é definida como “estado em que uma pessoa tem percepção do que se passa a sua volta e dentro da sua mente”.

Temos, portanto, uma oposição entre a percepção ou a ignorância do que se passa a nossa volta, na sociedade, no país, no mundo.

Em “Elementos de análise do discurso” José Luiz Fiorin (2011, p. 113) escreve que a isotopia oferece ao leitor um plano de leitura do texto, uma vez que a isotopia impede que o leitor 'leia o que quiser' ou que 'leia qualquer coisa' em um texto. A isotopia tem a ver com a coerência do texto, com a sua boa organização e as “virtualidades significativas presentes no texto” (FIORIN, 2011, p. 112).

Diana Luz Pessoa de Barros (2005, p. 71) escreve que a reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso tem o nome de isotopia e que é ela que assegura, pela repetição, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica. São dois os tipos de isotopia, portanto: a isotopia temática e a isotopia figurativa. A repetição de unidades semânticas abstratas, em um mesmo percurso temático é a isotopia temática. É a ela que se procura quando se lê um texto e busca-se o tema que costura os diferentes pedaços do texto. A redundância de traços figurativos e a associação de figuras aparentadas são características da isotopia figurativa. Esta recorrência de figuras é que atribui ao discurso uma imagem organizada e completa da realidade.

Além da construção, com esses ou outros princípios, dos percursos temáticos e figurativos, é necessário examinar, na busca dos sentidos do texto, as relações vigentes entre as várias isotopias. Essas relações estabelecem-se entre as isotopias figurativas de um mesmo texto, cada uma delas pressupondo uma linha de leitura temática. Dessa forma, por meio das relações verticais entre isotopias figurativas, ligam-se também os diferentes percursos temáticos do discurso (BARROS, 2005, p. 71-72).

Pareceu-nos haver, na charge de Angeli em tela, dentre outras isotopias passíveis de serem levantadas e examinadas, uma isotopia figurativa da alienação. Construída esta isotopia, isto é, instaurando-se o sentido de “alienação” a partir da recorrência de traços figurativos, estabelece-se o confronto fundamental com a ideia de 'consciência', trazida pelo título da charge.

Esta isotopia é marcada pelos seguintes traços: a massificação das pessoas – cujo conceito é próximo ao de alienação, pelo menos em seu uso crítico – presente na massa humana rosácea em contraste com os quatro pontos negros e que cria uma oposição entre a maioria e a minoria; a indiferença das pessoas e do paredão de prédios ao fundo, que não tem a atenção atraída pelos chamados vocais dos vendedores ambulantes; a imobilidade – pensa-se, via de regra, que os alienados não se movimentam por não saberem as reais condições em que vivem – dos banhistas e dos prédios em confronto com a mobilidade dos vendedores ambulantes que caminham pela praia; a diversão dos banhistas rosas na praia em oposição ao trabalho dos ambulantes negros.

A alienação está “cara a cara” com a consciência também no título da charge. É o sinal de dois pontos, portanto um sinal gráfico que coloca o que vem antes e o que vem depois em uma relação obrigatória, o que separa a palavra “feriado” – o dia em que não se trabalha ou em que não se estuda e que traz consigo a possibilidade da diversão, do alheamento, da alienação – da palavra “consciência”.

O CARTUNISTA E A DATA COMEMORATIVA

Como vimos no início deste artigo, a partir dos textos de José Luiz Fiorin, a Semiótica não abre mão do histórico e do social, das determinações sociais da linguagem, mas tenta os incorporar na análise de uma maneira diferenciada, que parte da imanência como uma base sólida. A Semiótica, desta perspectiva, visa uma unidade

superior, mais complexa, que uma imanência e transcendência.

Pode-se ver que a Semiótica não nega o histórico e o social também pela relação significação/sentido, como mostram Santos, Ruiz e Signori (2011, p. 16-17): a significação é compreendida como o resultado da manifestação textual, da inter-relação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão e o sentido emerge das inter-relações textuais, da relação do texto com outros textos. E elas estão obrigatoriamente vinculadas:

Se, por um lado, cada texto é o resultado de uma operação de especificação (engendrando a significação), por outro é sustentado pela simplicidade de uma oposição semântica, permitindo-lhe estabelecer relações com outros textos, a partir das quais o sentido é gerado. O específico, pois, é necessário para a constituição da significação, enquanto o geral orienta-se para a constituição do sentido. E o mais importante: significação e sentido pressupõem-se mutuamente (SANTOS, RUIZ e SIGNORI, 2011, p. 16).

É possível, então, dizer que a inserção dos dados históricos, sociais e culturais, é feita por meio de inter-relações textuais. Assim, o sentido da charge em exame de Angeli é dado pela sua relação com vários outros textos.

Arnaldo Angeli Filho – que assina seus trabalhos como Angeli – é um dos mais famosos e prestigiados cartunistas brasileiros. Tem como um dos pontos fortes as charges, que são publicadas no jornal Folha de São Paulo, para o qual trabalha desde 1973. É também o criador de uma galeria de personagens icônicos, tais como a *Rê Bordosa*, os *Skrotinhos*, *Wood & Stock*, *Los Três Amigos* – em parceria com os cartunistas Glauco e Laerte – e *Bob Cuspe*. Lançou na década de 1980 a revista *Chiclete com Banana*, sucesso editorial que influenciou culturalmente toda uma geração de brasileiros. Seus trabalhos se destacam por um humor anárquico e urbano, com alta dose de crítica política e social.

Como vimos, a charge aparece originalmente na página intitulada Opinião, da Folha de São Paulo, jornal de grande circulação e influência na sociedade brasileira. O leiaute da página a coloca em meio aos editoriais e aos colunistas, portanto em uma página forte, importante, que expressa conteúdo opinativo e polêmico, do próprio jornal e de seus principais colaboradores. As charges da página geralmente possuem um conteúdo antenado com os fatos cotidianos e tem um humor irônico e mordaz.

O Dia Nacional da Consciência Negra foi estabelecido pela Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Esta última é a que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional e a Lei nº 10.639 incluiu no

currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. A data é criada sob a rubrica “outras providências”, isto é, sua entrada se dá sub-repticiamente. O artigo é o 79-B e dispõe que “O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Vê-se que no seu nascedouro a data é tida como uma data escolar e que faz parte de um pacote maior de 'outras providências'. O dia 20 de Novembro foi escolhido como uma homenagem a Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, que morreu nesta data, no ano de 1695. A homenagem resgata também a importância do personagem histórico, representativo da luta dos negros contra a escravidão no Brasil Colônia.

Obviamente, o intuito da data é servir como um momento de conscientização e reflexão nas escolas do país acerca da importância da cultura dos povos africanos no estabelecimento da cultura brasileira, abrangendo-se os aspectos políticos, artísticos, gastronômicos, religiosos – entre outros – destas contribuições. A data serve também como lembrança de que antes da abolição oficial da escravatura, os negros escravizados resistiram e lutaram contra o regime escravocrata. Perceba-se que a charge é de 2006, portanto próxima temporalmente da criação da efeméride e que ela, desde sua criação, recebeu paulatinamente cada vez mais atenção, tornando-se pouco a pouco feriado em muitas localidades brasileiras e expandindo-se para uma Semana da Consciência Negra.

Toda esta rede intertextual deve ser levada em conta ao postularmos um sentido para o texto de Angeli em análise. Rimos da charge, em um primeiro momento, mas logo percebemos um incômodo na nossa apreensão do texto. Incômodo ao vermos igualados, 'cara a cara', conflituosamente, as duas figurativizações que nos apresentam uma minoria negra em movimento, tentando chamar a atenção de uma maioria rosácea imóvel, indiferente. Incômodo ao entendermos a isotopia da alienação e sua oposição ao conceito de consciência, em oposição à importância de uma data direcionada para a reflexão e conscientização de uma população historicamente diminuída, maltratada e vítima de preconceito racial. Porém, um incômodo maior advém do fato de não podermos relacionar, pura e simplesmente, a porção inferior do desenho à consciência e a porção superior ao desinteresse, à alienação.

A fina ironia de Angeli está tanto em uma como noutra região: os quatro negros são vendedores ambulantes, aproveitam a data comemorativa e trocam a consciência de sua causa pela mercância. Movimentam-se não por causa da consciência racial mas sim

por causa do dinheiro, do lucro que poderão auferir na data. Acabam submetidos à massa rosácea por outras vias, que passam pela diferenciação cultural e pela necessidade material advindas da não integração social ao longo dos muitos anos que separam a abolição da escravatura dos dias atuais. Necessidade e diferenciação advindas de uma sociedade brasileira historicamente indiferente, desinteressada, alienada. Neste processo a charge joga para fora de si a contradição de aproveitar o dia da consciência negra como um feriado, joga-a no colo do leitor, aquele que aproveita o feriado, aquele que se bronzeia na praia no dia 20 de Novembro, mas também aquele que usa a data como forma de obtenção de ganhos submetendo-se à massa.

Angeli, em sua charge – com suas estratégias plásticas e seu fino humor mordaz, com a constituição da oposição alienação/consciência – coloca-nos 'cara a cara' com a sociedade brasileira, coloca-nos 'cara a cara' com nós mesmos, incomodando-nos e pondo-nos a refletir.

BLACK AWARENESS DAY: SEMIOTIC ANALYSIS ON A ANGELI'S CARTOON

ABSTRACT

This article is a semiotic analysis on Angeli's cartoon published in the newspaper Folha de São Paulo (November 20, 2006), which has as theme the Black Awareness Day. The article begins with the observation that semiotics is dedicated to analyzes that seek to make the description and explanation of the mechanisms that engender the sense of the text. The theoretical basis for the article comes primarily from texts by José Luiz Fiorin and Diana Luz Pessoa de Barros, contained in the references. The ultimate aim of this exercise is to understand, from an analysis articulated between the expression plane and content plan, as the Angeli's cartoon produces a thin and biting humor that turns to the reader, leaving him alone to think about the topic.

Keywords: Semiotic, Angeli, cartoon's analysis.

REFERÊNCIAS

ANGELI. Feriado: dia da consciência negra. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/inde20112006.htm>. Acesso em: 27 nov. 2012.

AULETE, C. *Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa*: edição de bolso Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; Porto Alegre: LP&M Editores, 2007.

BAEDER, B. M. Olhar semi-simbólico de um desenho-charge de Angeli, *Estudos Semióticos*, São Paulo, n. 3, 2007. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/index.htm>. Acesso em: 26 nov. 2012.

BARROS, D. L. P. de B. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.

BRASIL. *Lei Nº 10.639 de 9 de Janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 25 jan. 2013.

FIORIN, J. L. Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 131-146, 2002.

_____. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*. São Paulo, v. 3, n. 5, p. 19-52, 2003.

_____. *Elementos de análise do discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTOS, F. A. M. dos; RUIZ, M. A. A.; SIGNORI, M. B. D. (Orgs.). *Pinceladas semióticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.